

Whitehead vê funcionamento do Congresso

O subsecretário de Estado americano, John Whitehead, protagonizou, ontem, uma cena no mínimo inusitada em plena sessão da Câmara dos Deputados: abriu os braços e imitou, algo desajeitado, "os 'pianistas' que, no ano passado, fraudaram votações parlamentares. A seu lado, meio sem graça, o deputado Celso Peçanha revelou: "Eu estava sentado ao lado de um dos pianistas".

Cercado de assessores e seguranças, Whitehead manifestou outra curiosidade: "Quem é aquele cabeludo?" A seu lado, o conselheiro George Brown, da Embaixada Americana, explicou: "É o Juruna, um deputado índio".

Em seguida, a comitiva deixou o Plenário da Câmara, seguindo para o Senado. No caminho, Whitehead deu a sua única declaração dos repórteres no Congresso: "Estou satisfeito em ver como a democracia brasileira funciona".

Ao chegar ao Senado, Whitehead foi surpreendido com um discurso do senador Carlos Chiarelli, em nome da Aliança Democrática, de defesa da reserva de mercado na área de informática e de condenção às pressões americanas: "Não será a Câmara de Representantes americana que vai nos impor normas, decidir o que devemos ou não fazer. Este é um programa maduro, fruto de amplas discussões, e de inegável êxito para a independência tecnológica do Brasil". Em aparte, o líder em exercício do principal partido de oposição, o PDS, senador Virgílio Távora, apoiou a posição do Governo brasileiro de manter a lei de informática intocável, rejeitando as pressões externas.

Essas manifestações foram traduzidas, ao pé-de-ouvido por Brown a Whitehead. De repente, sua atenção se voltou para um novo orador: o senador Roberto Campos, que repetiu suas costumeiras críticas à Lei de Informática. Os elogios e as críticas foram ouvidos atenta e impassivelmente pelo subsecretário americano.

Logo depois, ele deixou o Congresso Nacional sem visitar os dirigentes da Câmara e do Senado e as lideranças partidárias.

O senador Carlos Chiarelli só soube que Whitehead assistiu a seu discurso depois que a comitiva já havia deixado o Congresso Nacional. E vibrou: "Juro que não sabia que era um recado direto, da fábrica ao consumidor, sem intermediário".

Na Câmara, o deputado Celso Peçanha, que conversou sobre os "pianistas" com Whitehead e foi um dos poucos parlamentares a perceber a presença em Plenário da comitiva americana, negou-se a revelar o nome do deputado que cometeu uma fraude a seu lado. E acrescentou, com ar misterioso: "Posso garantir apenas que este deputado não foi flagrado pela imprensa e só eu sei que ele estava fraudando".

Peçanha justificou também o fato de, em plena sessão da Câmara, conversar sobre fraude no Parlamento brasileiro com um emissário de um governo estrangeiro: "Nessas circunstâncias às vezes faltam assuntos. O George Brown foi quem falou sobre os pianistas. Eu apenas mostrei os lugares de votação".

Quando Whitehead chegou ao Plenário da Câmara, a sessão estava morna, com discussões meramente regionais. Pouco antes, o deputado Ibsen Pinheiro, em nome da Liderança do PMDB, defendeu a reserva de mercado e criticou as pressões americanas. Não foi só: o deputado Jacques Dornellas, do PDT, atacou não apenas a posição americana na área de informática, mas também seu comportamento na América Central. E recebeu um aparte de apoio do deputado Sebastião Athaide (PDT-RJ).